

Dentro de casa, 18 horas de aulas por dia

RECIFE — Instalada numa casa modesta, a escolinha Monte Orebe começa a funcionar às 4h, para receber os filhos dos operários de uma fábrica de tecidos. Ali as crianças se revezam até 22h, quando termina o último turno da fábrica. A escolinha se tornou tão importante na comunidade que já foi apelidade de “o Ciac de Caetési”, o nome da vila em que está localizada.

Nela, as crianças assistem às aulas, fazem suas tarefas, participam de atividades recreativas e recebem alimentação. Tudo, ou quase tudo, é improvisado: na hora do jogo de basquete, o cesto de lixo vira cesta; bolsas de supermercado servem para fazer colagens e pinturas; a refeição é preparada com mantimentos doados pelos pais. Para assistir às aulas, os alunos se

apertam em três salas, divididas por esteiras.

Todas as atividades são comandadas por Sara Ferreira, de 36 anos, que quase perdeu o marido por manter uma escola que nunca deu lucro. Dos 53 alunos, 23 não pagam nada. Sara estabeleceu uma “bolsa comunitária” para os mais pobres. Dos que podem pagar, ela cobra mensalidade entre Cr\$ 15 mil e Cr\$ 35 mil para manutenção e para pagar às professoras — uma de suas filhas e duas vizinhas.

— Não faço isso por dinheiro. O Governo não oferece lugar para os filhos dos assalariados, que não podem pagar nada. Só agora começaram a construir os tais dos Ciacs. Eu já tenho o meu há sete anos — diz Sara.